



SENHORA DOS TIGRES: A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NA OBRA *HEROES AND VILLAINS* DE ANGELA CARTER

Kátia Isidoro de Oliveira¹

A escritora Angela Carter (1940-1992) publicou livros de contos, drama, literatura infantil e romances, e é reconhecida mundialmente por escrever a partir de uma ótica feminista. Suas narrativas de ficção científica, como o romance *Heroes and Villains*², e seus textos repletos de realismo mágico também são bastante conhecidos. Esse artigo também pretende colaborar com a divulgação da autora no Brasil.

Lúcia Osana Zolin em *Literatura de autoria feminina*³ comenta o livro *A literature of their own: British women novelist from Brontë to Lessing* de Elaine Showalter, uma das fundadoras da crítica feminista contemporânea. Nessa teoria ela enquadra Angela Carter na fase female (uma das três fases propostas por Elaine Showalter para classificar a escrita de autoria feminina), porém cita apenas duas obras da autora Angela Carter, *The bloody chamber* e *Wise children*. Mas, é possível classificá-la na fase female, pois nessa fase as autoras tratam da questão da autodescoberta e busca da identidade própria. Marianne, a protagonista da obra pode ser considerada a primeira heroína tipicamente carteriana, aquela que sai em busca do seu destino. Lorna Sage⁴, em sua obra dedicada a Angela Carter, afirma que as imagens e os símbolos são desenvolvidos mais deliberadamente e mais questionados em *Heroes and Villains*.

Este artigo visa a apresentar e analisar a personagem feminina da obra *Heroes and Villains* utilizando como base textos da teoria crítica literária e feminista. De que modo a personagem consegue romper com o espaço privado, hermeticamente fechado e patriarcal, e conquistar o espaço público. Nesse contexto, serão discutidas as questões referentes à representação da mulher, símbolos, representação do gênero, busca pela identidade e a literatura estrangeira moderna. Evidenciar que a obra carteriana, mesmo tendo como espaço um mundo pós-apocalíptico, critica e contesta a mulher e a sua posição na ordem social.

Anatol Rosenfeld legitima a importância da personagem na ficção:

Em termos lógicos e ontológicos, a ficção define-se nitidamente como tal, independentemente das personagens. Todavia, o critério revelador mais óbvio é o epistemológico, através da personagem, mercê da qual se patenteia – às vezes mesmo por meio de um discurso especificamente fictício – a estrutura peculiar da

¹ Mestranda em Letras, UNESP-Assis. FAPESP. katiaisidoro@hotmail.com

² CARTER, A. *Heroes and Villains*. London: Penguin, 1981.

³ ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (org.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 275-283.

⁴ SAGE, L. *Angela Carter*. Plymouth: Northcote House, The British Council, 1994. (Writers and their Work).



literatura imaginária. Razões mais intimamente “poetológicas” mostram que a personagem realmente constitui a ficção.⁵

Levando em consideração a relevância da personagem na obra literária, este tema foi escolhido, pois o romance da escritora Angela Carter tem como componente fundamental na construção de sua ambientação símbolos representados por imagens, objetos e lugares que vão revelar ao leitor não só o mundo em que vivem os personagens, mas também uma possível crítica ao ambiente patriarcal, observada pela fuga da personagem feminina de uma espécie de confinamento, de um meio opressivo, em busca de seu próprio espaço. Os símbolos serão explorados diferentemente em cada caso, para demonstrar o universo e a personagem feminina da narrativa. Isso pode ser exemplificado também através da loucura da babá ao matar o pai de Marianne, seja no momento em que a protagonista joga o relógio de seu pai fora, corta o cabelo, quando queima o vestido de noiva e através da luta da protagonista em escapar da conformidade social sufocante de sua “white tower made of steel and concrete”⁶ que afirmava a sua estrutura patriarcal.

Cleide Antonia Rapucci afirma: “A principal proposição da obra carteriana é, a nosso ver, a criação de um espaço feminino, em que as mulheres consigam se tornar agentes, fugindo do papel de vítima”.⁷

Heroes and Villains foi publicado em 1969 e é o quarto romance da autora Angela Carter. A narrativa se passa no futuro, em uma época pós-apocalíptica. Depois de uma guerra nuclear, há três sociedades sobreviventes: os Professores (um grupo de elite sustentada pela agricultura), os Bárbaros (nômades que têm sobrevivido fora das cidades), e os “Out People” (mutantes que foram mutilados pela radiação, habitando as ruínas). A protagonista, Marianne, é filha de um professor e vive em uma sociedade hermeticamente fechada e patriarcal. O patriarcalismo vigente na ordem social onde a protagonista está inserida é definido pelo estudioso Thomas Bonnici:

Na teoria feminista, o patriarcalismo é definido como o controle e a repressão da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e opressão social. É um vazio conjunto universal das instituições que legitimam e perpetuam o poder e a agressão masculina.⁸

Na obra, a população se encontra dividida em castas e Marianne, a personagem principal, mora com seu pai, pertencente à casta dos professores, em uma torre, como já citado anteriormente.

⁵ ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 27.

⁶ CARTER, A. *op. cit.*, p. 1.

⁷ RAPUCCI, C. A. *Exposta ao Vento e ao Sol: a construção da personagem feminina na ficção de Angela Carter*. 1997. Tese (Doutorado em Letras)– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp. p. 11.

⁸ BONNICI, T. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007. p. 198.



Os professores vivem em comunidades, protegidos por Soldados. Distantes daquela comunidade vivem os Bárbaros. Há ainda uma terceira categoria, os “Out People”, homens mutilados que vivem em ruínas de cidades incendiadas. Esta separação ocorre após uma guerra apocalíptica: neste momento, os homens são divididos em gêneros. O título do livro fica claro, logo no início, quando crianças brincam de Soldados e Bárbaros, e pela regra do jogo, os Soldados sempre ganhavam: “‘The Soldiers are heroes but the Barbarians are villains’, Said the son of the Professor of Mathematics aggressively, ‘I’m a hero. I’ll shoot you.’”⁹

Marianne usou sua inteligência para sobreviver. Desde sua infância teve que aprender a ser forte. Ela deixa de estar presa na torre de aço para sair em busca do espaço da vastidão. Sua autonomia é comprovada quando rompe com seu espaço privado para o espaço público, rompe com a tradição a que estava confinada.

A heroína carteriana começa a surgir já no início do livro. Ela não é uma típica garota boa. É rancorosa, com o olhar frio, fechada e não joga conforme as regras: “Marianne tripped up the son of the Professor of Mathematics and left him sprawling and yowling in the dust, wich was not in the rules.”¹⁰ E também já demonstrava que saberia conquistar seu próprio espaço: “She marked all her possessions with her name, even her toothbrush, and never lost anything.”¹¹

Na obra, a sociedade em que Marianne vive é hierarquicamente estruturada, com Professores, Soldados e Trabalhadores formando castas hereditárias. Trata-se de um regime militar com uma disciplina rigorosa, em que os Professores estão ocupados com os seus livros, os Soldados com a segurança, e os Trabalhadores com o trabalho agrícola. Para os Professores o mundo é dominado por instituições tais como quartéis, museus e escolas. Eles são rodeados por relógios e outras relíquias aparentemente inúteis naquele momento. Consideram-se guardiões do conhecimento, arte e cultura, e têm a função de cultivar a memória das civilizações perdidas, contida principalmente em livros, dicionários e imagens. Nesta opressiva ordem social, loucura e suicídios, que comumente ocorrem entre os Professores e os Trabalhadores, são tratados como casos de falta de adaptação ao novo sistema. Por outro lado, os Bárbaros parecem encarnar o caos. Como Marianne observa, se o tempo está congelado entre os Professores, os Bárbaros funcionam fora do tempo, vivendo suas vidas de forma existencial. Os Professores são governados pela razão científica, enquanto os Bárbaros são governados por magia ritual. Os dois grupos são semelhantes em sua vontade de experimentar com as pessoas, para transformar e dominar. Marianne descobre

⁹ CARTER, A. *op. cit.*, p. 2.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 3.

¹¹ *Idem, ibidem, loc. cit.*



que há hierarquias sociais e superstições entre os Bárbaros, mas também a vida não é menos aborrecida do que entre os Professores. Na realidade, tal como o seu pai explica para a protagonista, é possível visualizar a relação entre as duas sociedades, em termos de equilíbrio simbólico: cada um precisa do outro para definir-se em oposição a ele. Suas funções são claramente definidas: os Professores são necessários para os Bárbaros, como meio de vida, enquanto os Bárbaros contribuem para a manutenção da coesão social dos Professores.

Na infância, ela testemunha um ataque à sua aldeia quando um jovem Bárbaro mata seu irmão. Por consequência disso, sua mãe suicida-se. Ela cresce frustrada com a sua vida entre os professores: “Marianne had sharp, cold ice and she was spiteful but her father loved her.”¹² Desde sua infância podemos perceber o quanto a protagonista é inteligente e sagaz. Quando está com dezesseis anos, seu pai morre em um ato de loucura da babá que está na família desde que Marianne era criança. Joga fora o relógio de seu pai separando-se do controle patriarcal e simbolizando a construção de um novo espaço feminino. O destaque do relógio no início da trama é notável; um objeto de pouca utilidade para a sociedade naquele momento passa a ter, no entanto, um enorme valor para a protagonista, por ter pertencido ao seu pai, e para toda a obra, por representar mais que um objeto que marca o tempo, simbolizando também o controle patriarcal. Joga os livros de seu pai fora, corta os cabelos e vai viver com o seu tio Coronel. Com ele aprende a dirigir, função exercida apenas pelos homens daquela sociedade.

Em outro ataque dos Bárbaros, cuida de um inimigo ferido e acaba fugindo com o jovem (Jewel). Marianne foge dirigindo um caminhão. Na floresta ele ordenou que ela jogasse o caminhão contra uma árvore. O caminhão se incendiou e os Soldados acreditaram que ela havia morrido. Os dois se estranham durante esse convívio porque acreditavam ser de espécies diferentes. Jewel acreditava que Marianne não sangrava, porque mulheres de sua casta não produziam sangue. Quando Marianne é picada por uma cobra, o Bárbaro descobre que ela sangra e sente-se aliviado por ela ser da mesma espécie que ele. Simbolicamente para Marianne essa picada é o primeiro passo na sua iniciação. Se a serpente aponta para o despertar da consciência de Marianne, esse mesmo símbolo assinala o estado indiferenciado que se encontra no Paraíso, o estado de ingenuidade psíquica. A relação entre Marianne e Jewel é ambígua, erótica e antagônica. Marianne decide viver com a sociedade Bárbara. Assim, sai do espaço privado para o espaço público. Descobre que são muito parecidos, apesar da diferença cultural existente entre as duas sociedades. A protagonista descobre-se superior pela educação que obtivera com seu pai, através de livros e

¹² *Idem, ibidem*, p. 1.



histórias. Ao chegar nessa nova ordem social, Marianne conhece Sra. Green, a matriarca dos Bárbaros, amada e temida por todos. Ela foi mãe de criação do jovem Bárbaro.

O personagem Donally, líder dos Bárbaros, é tutor de Jewel, e começa a se comunicar com Marianne através de escritos nas paredes, já que o restante da sociedade era analfabeto. Ele se comunicava através de citações de grandes filósofos da história ocidental. Donally percebe em Marianne características de Lilith, enquanto Jewel pensava nela apenas como “Eva do fim do mundo”. “Eva do fim do mundo” remete-nos ao mito da não-criação (“uncreation”) que é trabalhado em *Heroes and Villains*, e que pode ser vista como o próprio esvaziamento da linguagem, na perda de referência, e a necessidade de símbolos. Muitas palavras dos dicionários eram incompreensíveis a Marianne¹³, que conseguia defini-las pelo uso nos livros de seu pai. O processo de criação dá lugar ao processo de não-criação, pela não nomeação das coisas, embora o narrador as nomeie, como que consultando uma enciclopédia. Esse processo de não-criação está relacionado ao fracasso do sistema patriarcal. A floresta onde vivem os Bárbaros torna-se um novo Éden para essa “Eva do fim do mundo”. Jewel tem uma tatuagem nas costas feita por Donally que é o desenho de Adão oferecendo a maçã a Eva ao lado da árvore da serpente que surpreende a protagonista.

Marianne decide abandonar essa sociedade já que para ela era um lugar horrível e perigoso. Jewel a segue na floresta e a estupra. A cena do estupro também está associada à morte do irmão e à picada da cobra. A protagonista sente-se presa, violada, mas não assume a posição de vítima. Torna-se forte para continuar a busca pelo seu destino. O estupro leva Marianne a se casar obrigada com o jovem Bárbaro. Sra. Green mostra a protagonista seu vestido de casamento que será usado por Marianne quando se casar, um vestido que só viu em fotografias tiradas antes do apocalipse. O vestido do casamento é grande para a protagonista, parece-nos que ela não se encaixa nessa tradição. Livra-se dessa tradição queimando o vestido após a cerimônia de casamento. A cerimônia de casamento causa estranhamento em Marianne, uma pessoa regida pela razão, por ser uma cerimônia repleta de rituais e misticismo. No final da cerimônia com um corte nas mãos o sangue dos dois se une. Agora, Marianne é um membro da ordem social dos Bárbaros. Esse processo de iniciação simboliza:

Para muitos povos primitivos, é o ingresso em uma nova fase da vida acompanhada de práticas rituais, sobretudo na passagem para a maturidade sexual, associada a provas e a ações simbólicas. [...] No sentido estrito, designa os ritos que representam o pressuposto para a aceitação em corporações secretas e em cultos de mistérios.¹⁴

¹³ *Idem, ibidem*, p. 14.

¹⁴ LEXIKON, H. *Dicionário de Símbolos*. 10 ed. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 113.



Posteriormente ela descobre que o assassino do seu irmão é Jewel. Sua relação com o jovem Bárbaro é ambígua, erótica e antagonica. Marianne fica grávida de Jewel, mas, em uma noite perde seu filho. Ao lado do jovem Bárbaro tenta derrubar o poder de Donally, um Professor renegado e chefe dos Bárbaros. Marianne sabe que sua inteligência é superior a de Donally e que a levará à liderança do povo Bárbaro. Trai Jewel com o filho de Donally seguindo seu desejo sexual, numa noite. Logo depois descobre que está novamente grávida de Jewel e decide que irá embora quando seu filho nascer, porque se sente castrada por aquela sociedade. Durante a narrativa a relação dos protagonistas se fortalece, mas mesmo assim, Jewel foi um objeto para a protagonista, que se tornará a “Tiger Woman”¹⁵ para o povo Bárbaro. No final do romance é dito para Marianne que Jewel foi morto, e o silêncio simboliza o sentimento da protagonista:

Nos silêncios, nas ausências, no não-dito e naquilo que é codificado [...] Quebrando esses silêncios, dando nome a nós mesmos, descobrindo o que está escondido, tornando-nos presentes, começaremos a definir uma realidade que ressoa em nós e que realça nosso ser.¹⁶

Marianne diz ao povo Bárbaro que não se livrarão dela e que farão tudo o que ela mandar: “I’ll be the tiger lady and rule them with a rod of iron.”¹⁷ A heroína decide tornar-se uma nova líder dos Bárbaros, uma Senhora dos Tigres. Nesse momento Marianne disse já não saber quem eram os heróis e quem eram os vilões. Segundo Herder Lexikon, o tigre:

É o símbolo da força e da ferocidade, tanto no sentido positivo como no negativo. [...] Visto que consegue se orientar no escuro e na lua nova, ele simboliza a luz interior, ou então, o reaparecimento da luz e da vida depois de tempos difíceis e sombrios. Por ser fera selvagem, o tigre simboliza freqüentemente o poder perigoso das forças instintivas incontroladas.¹⁸

A protagonista pode ser considerada a primeira heroína tipicamente carteriana, aquela que sai em busca do seu destino. Jewel não pertence a esse novo Éden e deixa à Marianne a tarefa de iniciar sozinha, uma nova humanidade. Sem Jewel, a protagonista começará a construção de um espaço feminino.

Virgínia Woolf em *Um teto todo seu*¹⁹, sugere que a mulher, em sua busca de emancipação deve estar disposta a buscar um espaço que transcenda o seu espaço naturalizado por longa tradição, que na verdade é uma prisão dentro de suas atribuições diárias. Inseridos nessa reflexão podemos perceber que a protagonista, Marianne rompe com suas tradições, o patriarcalismo da sociedade dos

¹⁵ CARTER, A. *op. cit.*, p. 150.

¹⁶ BONNICI, T. *op. cit.*, p. 243.

¹⁷ CARTER, A. *op. cit.*, p. 150.

¹⁸ LEXIKON, H. *op. cit.*, p. 191.

¹⁹ WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



professores, para que possa transcender e conquistar seu próprio espaço. E no fim da narrativa, ela torna-se líder dos Bárbaros (*Lady of Tigers*), afirmando assim seu lugar na sociedade.

Neste artigo buscou-se analisar a representação da personagem feminina, Marianne da obra *Heroes and Villains* da autora Angela Carter. A protagonista é a heroína carteriana, aquela que controla seu próprio destino e que inicia a construção de um espaço feminino. A personagem Marianne, colabora para divulgar nas entrelinhas da obra a denúncia do patriarcado e a possível ruptura com seus valores.

Bibliografia

- BONNICI, T. Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (org.) Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 275-283.
- CARTER, A. *Heroes and Villains*. London: Penguin, 1981.
- _____. *Heróis e Bandidos*. Traduzido do inglês por Maria Adélia Silva Melo. Lisboa: Caminho, 1992.
- ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. 2 ed. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GALVÃO, W. N. *As musas sob assédio*. São Paulo: Senac, 2005.
- HOLLANDA, H. B. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEXIKON, H. *Dicionário de Símbolos*. 10 ed. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1997.
- RAPUCCI, C. A. *Exposta ao Vento e ao Sol: a construção da personagem feminina na ficção de Angela Carter*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de mesquita Filho”, Unesp.
- ROSENFELD, A. *Literatura e personagem*. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SAGE, L. *Angela Carter*. Plymouth: Northcote House, The British Council, 1994. (Writers and their Work).
- SHOWALTER, E. *A Literature of their own: from Charlotte Brontë to Doris Lessing*. London: Virago, 1978.
- WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.